

**PERCURSOS DA CRÍTICA E HISTORIOGRAFIA
LITERÁRIA BRASILEIRAS NO SÉCULO XIX:
GILBERTO FREYRE CRÍTICO DE LITERATURA
E ARTE**

**PATHS OF BRAZILIAN LITERARY CRITICISM
AND HISTORIOGRAPHY IN THE 19TH CENTURY:
GILBERTO FREYRE CRITIC OF LITERATURE AND ART**

Rogério Lima

Universidade de Brasília,

Instituto de Letras

<https://orcid.org/0000-0002-9481-6611>

RESUMO: No ano de 1960 o crítico literário Renato Carneiro Campos organizou o volume *Vida, forma e cor* (1962), livro publicado na coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre, da editora José Olympio. O trabalho executado por Campos foi considerado por Freyre como «[...] uma reação de crítico [...] à intransigência com que mestres já antigos – um deles, Tristão de Ataíde – vinham excluindo, da Literatura propriamente literária, os mesmos ensaios» publicados em *Vida, forma e cor*. Nos anos 1960, Freyre percebeu uma grande divergência entre críticos brasileiros em relação ao seu trabalho, ao mesmo tempo em que recebia o reconhecimento nacional e internacional dos seus pares de suas qualidades literárias. O volume organizado por Campos reuniu diversos trabalhos de Freyre dedicados à crítica estética e à crítica literária. No seu prefácio à *Vida, forma e cor*, Freyre, externando uma visão comparatista da crítica e da literatura, reclamava

para autores como Euclides da Cunha, Raul Pompeia entre outros criadores literários brasileiros o reconhecimento do verdadeiro lugar desses escritores na cultura nacional, devido às qualidades estéticas e literárias de suas produções. Freyre identificou haver, na criação produzida por esses autores, «[...] mais poesia, mais literatura, mais verdade, mais beleza, E também mais Brasil. Mais forma e mais cor do Brasil». Neste trabalho, apresentamos como a crítica estética e literária produzidas por Gilberto Freyre, pouco exploradas nos cursos de letras brasileiros, se situam nesse período.

Palavras-chave: literatura brasileira, historiografia literária brasileiras no século XIX, Gilberto Freyre, crítica de literatura, crítica de arte.

ABSTRACT: In 1960, literary critic Renato Carneiro Campos edited the volume *Vida, forma e cor* (1962), a book published in the collection Obras Reunidas de Gilberto Freyre, published by José Olympio. The work carried out by Campos was considered by Freyre as «[...] a critical reaction [...] to the intransigence with which already ancient masters – one of them, Tristão de Ataíde – had been excluding, from properly literary Literature, the same essays» published in *Life, form and color*. In the 1960s, Freyre noticed a great divergence among Brazilian critics in relation to his work, at the same time that he received national and international recognition from his peers for his literary qualities. The volume organized by Campos brought together several of Freyre's works dedicated to aesthetic and literary criticism. In his preface to *Vida, forma e cor*, Freyre, expressing a comparative view of criticism and literature, demanded that authors such as Euclides da Cunha, Raul Pompeia, and other Brazilians literary creators recognize the true place of these writers in national culture, due to the aesthetic and literary qualities of their productions. Freyre identified that, in the creation produced by these authors, «[...] more poetry, more literature, more truth, more beauty, And also more Brazil. More shape and more color from Brazil». In this work, we present how the aesthetic and literary criticism produced by Gilberto Freyre, little explored in Brazilian literature courses, are situated in this period.

Keywords: brazilian literature, brazilian literary historiography in the 19th century, Gilberto Freyre, literature criticism, art criticism.

1. Introdução

A relação do sociólogo e escritor Gilberto Freyre com temas ligados à cultura brasileira, já há algum tempo, tem feito parte das minhas pesquisas relativas aos temas sobre relações culturais híbridas na cultura brasileira. Vários aspectos da vida intelectual e cultural de Gilberto Freyre tem atraído a minha atenção e curiosidade, mas nem sempre com o detimento merecido. Em parte para me «redimir» da pouca prodigalidade de tempo dedicado à obra de caráter crítico-cultural de Freyre é que apresento este rápido estudo dedicado ao seu livro *Vida, forma e cor* (1962).

Neste ensaio tenho o propósito de apresentar um quadro geral sobre como a crítica estética e literária produzidas por Gilberto Freyre, pouco exploradas nos cursos de letras brasileiros, se situam no correr do século XX. Para realizar esta tarefa tomei como base o livro *Vida, forma e cor*, publicado no ano de 1962, pela Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro, na Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre.

2. A obra *Vida, forma e cor*

A obra *Vida, forma e cor* foi organizada pelo jovem crítico literário Renato Carneiro Campos. O trabalho executado por Campos foi considerado por Freyre como «[...] uma reação de crítico [...] à intransigência com que mestres já antigos – um deles, Tristão de Ataíde – vinham excluindo, da Literatura propriamente literária, os mesmos ensaios» publicados em *Vida, forma e cor* (Freyre, 1962, p.XVIII).

Nos anos 1960, Freyre percebeu uma grande divergência entre críticos brasileiros em relação ao seu trabalho, ao mesmo tempo em que recebia o reconhecimento nacional e internacional dos seus pares

por suas qualidades literárias. O volume organizado por Campos reuniu diversos trabalhos de Freyre dedicados à crítica estética e à crítica literária. No seu prefácio à *Vida, forma e cor*, Freyre, externando uma visão comparatista da crítica e da literatura, reclamava para autores como Euclides da Cunha, Raul Pompeia entre outros criadores literários brasileiros o reconhecimento do verdadeiro lugar desses escritores na cultura nacional, devido às qualidades estéticas e literárias de suas produções. Freyre identificou haver, na criação produzida por esses autores, «[...] mais poesia, mais literatura, mais verdade, mais beleza, E também mais Brasil. Mais forma e mais cor do Brasil» (Freyre, 1962, p.XXV).

3. Gilberto Freyre na vanguarda da crítica literária

Na apresentação de *Vida, forma e cor*, o colunista literário, do jornal Folha da Manhã, Leonardo Arroyo¹ destacou com indisfarçado senso de humor o aparecimento da obra – em seu texto publicado na orelha do livro – chamando a atenção para o fato de que a publicação de um novo livro de Gilberto Freyre sempre representava a possibilidade de «uma nova surpresa, quer para o leitor comum, quer para o intelectual que vive debruçado sobre os múltiplos problemas do mundo que o cerca, mesmo quando em suas páginas houver elementos para discordância» (Freyre, 1962, orelha da capa).

No seu texto de apresentação de *Vida, forma e cor*, o escritor Leonardo Arroyo revela ao leitor que, nas páginas subsequentes, além dos exercícios da crítica humanista trabalhada por Freyre, este encontrará o redimensionamento da visão crítica de Gilberto Freyre

¹ Jornalista e escritor, colunista literário da *Folha da Manhã – Folha de São Paulo* entre 1958 e 1967.

em relação às artes praticadas principalmente no Brasil, com amplo destaque para os temas relacionados à literatura brasileira e seus autores. O posicionamento crítico de Freyre provocaria à época dissensões entre os leitores e a obra *Vida, forma e cor*; dissensões essas motivadas pela adoção de perspectivas de análise dos textos literários e artísticos que destoavam frontalmente das correntes críticas que vigoravam à época. Uma amostra do *estado de ânimo* que a leitura crítica apresentada por Gilberto Freyre provocou na vida literária brasileira pode ser colhida nos trabalhos dedicados à mapear a recepção do romance *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, em 1956, ano do seu lançamento.

É importante lembrar aqui um episódio muito significativo e interessante no que diz respeito à recepção da obra pelo público leitor que é destacado pelo escritor Luiz Ruffato em seu artigo: A recepção de «Grande sertão: veredas» (Ruffato, 18 de junho de 2021). Motivada pela quantidade de cartas de leitores que reclamavam do livro de Guimarães Rosa

a revista *Leitura*, um dos mais importantes órgãos de divulgação de literatura entre as décadas de 1940 e 1960, promoveu dois anos após o lançamento do romance uma enquete e publicou matéria intitulada *Escritores que não conseguem ler Grande sertão: veredas*. (Ruffato, 18 de junho de 2021)

Entre aqueles que opinaram, críticos e escritores, encontramos o poeta e crítico de arte Ferreira Gullar que disse: «Li 70 páginas de *Grande sertão: veredas*. Não pude ir adiante. À essa altura o livro começou a parecer-me uma história de cangaço contada para os linguistas. Parei, mas também sempre fui péssimo leitor de ficção» (Ruffato, 18 de junho de 2021). O escritor e pesquisador Silviano Santiago em seu ensaio *Grande Sertão: veredas e a ferocidade da UERJ*, publicado no periódico eletrônico *Pernambuco*, Jornal

Literário da Companhia Editora de Pernambuco (2021) refere-se ao mesmo episódio:

Publicado o romance [*Grande sertão: veredas*], Guimarães Rosa teve de aprender a enfrentar corajosamente a primeira e pouco auspiciosa recepção que lhe é dada. [...]

Inicialmente, *Grande sertão: veredas* abre sorrisos e caretas nos leitores e recebe na cara o silêncio constrangedor dos romancistas e poetas então em destaque na capital federal. Os escritores membros do coro dos descontentes acabam por serem convidados a concederem entrevista ao boletim bibliográfico *Leitura*, editado no Rio de Janeiro e de nítida inclinação para a esquerda. Os depoimentos são reunidos em torno de título em si agressivo, «Escritores que não conseguem ler *Grande sertão: veredas*». Exemplo estranho e alarmante de escritor desgostoso com o romance é o do jovem poeta Ferreira Gullar, autor do originalíssimo *A luta corporal* (1954) e corajoso crítico de arte da vanguarda. Declara: «Li 70 páginas do *Grande sertão: veredas*. Não pude ir adiante. A essa altura, o livro começou a parecer-me uma história de cangaço contada para os linguistas. Parei, mas sempre fui um péssimo leitor de ficção». Embora menos alarmante, não será diferente a primeira recepção ao romance pelo crítico uruguaio/brasileiro Emir Rodríguez Monegal. Em depoimento para a parisiense *Mundo nuevo* (fevereiro de 1968), afirma: «Cada palavra, quase cada sílaba do romance havia sido submetida a um processo criador, que obrigava o leitor a progredir, se progresso havia, a passos de tartaruga. Custei um pouco a vencer a humilhação de crer que havia perdido uma das línguas de minha infância». Dentre os muitos descontentes, o mais contundente é o romancista baiano Adonias Filho, líder de nova corrente literária regionalista e futuro membro da Academia Brasileira de Letras. Escreve e publica o artigo intitulado «Guimarães: um equívoco literário». (Santiago, 2021[s/d.])

Em *Vida, forma e cor*, o artigo «A presença de Guimarães Rosa e outras presenças» é o terceiro artigo do livro, tendo sido antecedido pelo artigo dedicado à Amy Lowell, sendo que o segundo artigo tem como tema o poeta Jorge de Lima. Sobre Guimarães Rosa, Gilberto Freyre escreve: «Do autor de *Corpo de Baile* se pode dizer que é um autor para escritores. E como tal interessantíssimo. Importantíssimo» (Freyre, 1962, p.20). Freyre considera Rosa como um escritor incessantemente experimental pertencente à mesma linhagem de Mallarmé e Joyce, diz ele:

Em Guimarães Rosa há um experimentador, um renovador e até um revolucionário que opõe ao simplismo um anti-simplismo literariamente aristocrático. A língua portuguesa no Brasil estava necessitando dele como necessitou há trinta anos de Mário de Andrade. O mineiro veio reavivar a revolução iniciada pelo paulista. (Ibid., p. 20)

Ainda em defesa de Rosa, Freyre diria: «De Guimarães Rosa há quem pense que vem se especializando em estudos científicos de Linguística associados aos de Sociologia» (Freyre, 1962, p.XXII).

Para Gilberto Freyre a literatura brasileira vivia um momento de grande renovação e criatividade, escreveu o crítico: «Nunca a literatura brasileira atravessou uma fase de criação mais puramente literária, a despeito do que, nessa criação, vem sendo componente absorvido de saber científico, direta ou indiretamente, em torno de temas versados pelos autores» (Freyre, 1962, p.XXII). Freyre via na renovação vivida pela literatura o solo fértil para o desenvolvimento de uma literatura moderna no Brasil. E principalmente o fortalecimento de um tipo de ensaio que «sendo principalmente literário em sua forma», não abrisse mão de ter relações com o que viesse a ser um pensamento brasileiro (Ibid., p.XXII).

4. Conclusão

Finalizando, destacamos a passagem em que Freyre afirma que:

Podemos concordar com aqueles modernos estudiosos de Arte ou Literatura – de Literatura, em particular – para os quais há sugestões poéticas que dizem mais, através do que nelas é intensificado de símbolos, sobre uma realidade, que explicações científicas. Tais símbolos são, vários deles, tomados, pelo escritor literário, da linguagem popular. Do folclore. Da tradição religiosa (Freyre, 1962, p. XXIV).

Conforme registrou Freyre, no prefácio do seu *Vida, forma e cor*, os escritores, utilizando suas estratégias de apropriação e construção de quadros narrativos modernos, têm conseguido fixar «qualidades de experiência» numa linguagem antes popular do que acadêmica (Ibid., p.XXIV). E é no uso dessa linguagem «que puras abstrações se tornam, quando assimiladas por escritor de gênio, expressão ou sugestões de experiência concreta, imediata, sensual até, de um indivíduo aparentemente só – na verdade múltiplo – ou de um grupo com que o escritor se identifique profundamente: por empatia» (Freyre, 1962, p. XXIV). Adiante, Freyre esclarece como ocorre a identificação no escritor:

Essa identificação não se realiza em termos, além de psicológicos, poéticos, apenas através de formas poemáticas; ou de convenções novelescas ou dramatúrgicas de expressão literária. Também através do ensaio. Do ensaio livremente literário ou com alguma coisa de filosófico como o de Pascal, [...] Montaigne ou Unamuno. Do ensaio biográfico como o de Sainte-Beuve ou o de Strachey. Do Ensaio histórico como [...] o de Joaquim Nabuco, o de Euclides ou do Machado do Velho Senado (Ibid., p. XXV).

Na perspectiva crítica e teórica de Gilberto Freyre,

Nem os *Sertões de Euclides* são menos literatura – da mais especificamente literária – do que *Dom Casmurro*. Nem o Pompeia, d’*O Ateneu* é menos poético que Casimiro de Abreu. Nem as páginas de Nabuco sobre Maçangana contém menos poesia do que o «Minha Terra tem palmeiras» [*Canção do exílio*] de Gonçalves Dias. Ao contrário: mais. Mais poesia, mais literatura, mais verdade, mais beleza. E também mais Brasil. Mais forma e mais cor do Brasil. (Ibid., p. XXV)

Referências bibliográficas

- Freyre, G. (1962). *Vida, forma e cor*. Livraria José Olympio Editora [primeira orelha, pgs. XVIII, XXII, XXIV, XXV. (Coleção Obras Reunidas de Gilberto Freyre)].
- Ruffato, L. (2021). A recepção de «Grande sertão: veredas». *Rascunho, o jornal de literatura do Brasil*. Curitiba. <https://rascunho.com.br/liberado/a-recepcao-de-grande-sertao-veredas/>. Acesso em: 15 de outubro de 2021.
- Santiago, S. (c2021[s.d.]). Grande Sertão: veredas e a ferocidade da UERJ. *Pernambuco: Jornal literário da Companhia Editora de Pernambuco*. <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/71-ensaio/1940-grande-sert%C3%A3o-veredas-e-a-ferocidade-da-uerj.html>. Acesso em: 15/10/2021.